



efê
me
ras

conteúdos para a pesquisa,
mediações e reflexões

Flávia Fábio | Ligia Minami | Luciana Bertarelli | Luciane Kunde | Simone Peixoto

efê
me
ras

conteúdos para a pesquisa,
mediações e reflexões

Flávia Fábio | Ligia Minami | Luciana Bertarelli | Luciane Kunde | Simone Peixoto

Ficha técnica Projeto Efêmeras em Circulação

Produção Geral

Camilla Torres

Produção local

Praia Grande: Marcia Santtos

Rio Claro: Luciane Kunde Borges

Bauru: Mariane Santinello Longhi

Mídias Sociais

Gustavo Xella

Áudiodescrição, roteiro e locução:

Gabriela Giannetti

Consultoria de Audiodescrição:

Vilson Zattera

Gravação de Audiodescrição:

Lab Sound

Artistas

Flávia Fábio

Lígia Minami

Luciana Bertarelli

Luciane Kunde

Simone Peixoto

Este projeto Este projeto foi contemplado com o Edital ProAC N° 13/2023 – Artes Visuais / Circulação de Exposição

Publicação

Organização

Simone Peixoto

Flávia Fábio

Textos

Flávia Fábio

Lígia Minami

Luciana Bertarelli

Luciane Kunde

Simone Peixoto

Projeto Gráfico, Produção Editorial e Diagramação

Traço Publicações e Design: Flávia Fábio e Fabiana

Grassano

Fotos

Pedro Spagnol, Lígia Minami e acervo pessoal das artistas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Efêmeras [livro eletrônico] : conteúdos para a pesquisa, mediações e reflexões / Flávia Fábio...[et al.] ; organização Simone Peixoto, Flávia Fábio. -- Campinas, SP : Traço Publicações e Design, 2024.
PDF

Outros autores: Lígia Minami, Luciana Bertarelli, Luciane Kunde, Simone Peixoto.

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87146-11-9

1. Arte - Exposições - Catálogos 2. Desenho 3. Gravura I. Fábio, Flávia. II. Minami, Lígia. III. Bertarelli, Luciana. IV. Kunde, Luciane. V. Peixoto, Simone.

24-200155

CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Exposições : Catálogos 700.74

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Sumário

Introdução	5
1. Sementes Gráficas	6
2. Efêmeras	8
3. Relatos pessoais sobre processos criativos	10
Flávia Fábio	
Lígia Minami	
Luciana Bertarelli	
Luciane Kunde	
Simone Peixoto	
4. Procedimentos artísticos	15
Relevo cerâmico, por Flávia Fábio	
Cianotipia, por Lígia Minami	
Monotipia, por Luciana Bertarelli	
Papel Artesanal, por Luciane Kunde	
Coletas e desenho, por Simone Peixoto	
5. Relatos de atividades e propostas formativas	25
Atividades utilizando a impressão fotográfica por contato, por Lígia Minami	
Impressão de plantas com tinta natural em tecido com Luciana Bertarelli e Ana Takenaka, por Luciana Bertarelli	
Compartilhar tesouros e desenhar as sombras com Simone Peixoto e Camillat, por Simone Peixoto	
6. Perguntas e questões disparadoras para quem visita a exposição	32
7. Biografias das artistas	33
8. Lista de links relacionados a exposição	35
Sementes Gráficas	
Exposição Efêmeras	
As Artistas	

Introdução

Olá, que bom que você chegou até aqui!

Neste material contaremos um pouco sobre nós, as 5 artistas que fazem parte da exposição “Efêmeras”, e também sobre nosso grupo de trabalho, nossas práticas artísticas e sobre como chegamos a esta exposição.

Entre relatos e outros textos haverá links para materiais que estão na internet, como imagens, vídeos e o nosso site - conteúdos que foram produzidos em outras ocasiões e que se relacionam tanto à exposição “Efêmeras” como ao grupo formado por nós, que chamamos de “Sementes Gráficas”.



1. Sementes Gráficas

Sementes Gráficas é um grupo de trabalho e de conversas sobre a nossa produção artística, formado pelas 5 artistas que se apresentam na exposição “Efêmeras”: Flávia Fábio, Ligia Minami, Luciana Bertarelli, Luciane Kunde e Simone Peixoto. Por volta de 2015, enquanto fazíamos nossas pesquisas de mestrado ou doutorado, nos encontramos frequentando o ateliê de gravura da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).

Aqui já podemos perceber uma vocação em comum a todas nós, que é a gravura e os processos gráficos. No entanto, nesta convivência tão especial que se dá entre os artistas que trabalham em um ateliê coletivo, também ficou evidente um outro interesse comum muito forte, que à princípio identificamos como “interesse pelas plantas”, tanto na sua representação, como no uso de plantas de verdade em nossos processos de criação.

Foi a partir desse interesse comum pelo reino vegetal que compreendemos que nossas afinidades artísticas eram profundas. Em nossos trabalhos, cada uma à sua maneira, o uso das plantas é apresentado como metáfora para diversas questões, como: a passagem do tempo, ciclos de vida e morte, renovação e transmutação, remetendo a um sentimento de impermanência do estar no mundo.

Jardim, 2018
Centro Cultural da UFSJ –
São João del-Rei/MG.





Habitar o ar, 2021
Casa de Eva, Campinas/SP
Fotos Ligia Minama

Desde esses primeiros encontros, nossas conversas se intensificaram e aprofundaram. Como artistas e educadoras começamos a desenvolver projetos juntas, de cursos, exposições, encontros para práticas de ateliê e outras atividades.

Em 2018 fizemos nossa primeira exposição juntas, chamada “Jardim” em São João del Rei - MG e percebemos que além das afinidades pessoais e de pesquisa em arte, o trabalho entre nós acontece de forma muito tranquila e ao mesmo tempo instigante, trazendo sempre novas questões e inquietações para serem exploradas.

Em 2021 fizemos uma nova exposição, desta vez em Campinas, na Casa de Eva, chamada “Habitar o Ar” e foi nesse momento que decidimos dar um passo a mais e compartilhar esse diálogo criando a plataforma “Sementes Gráficas”, um site que reúne as nossas ações tanto no campo da arte como na educação. A intenção é que esse site cresça junto às nossas pesquisas em comum e assim como nossas conversas, traga novas inquietações.

Do nome desse grupo a palavra ‘semente’ remete às plantas e também a essa potência de vida que ela carrega, semente como metáfora para o recomeço constante de novos ciclos. Sementes Gráficas pois a gravura foi o germe do nosso encontro, mais que interesse, uma paixão que compartilhamos, de onde grande parte de nossos processos se inicia.



<https://www.sementesgraficas.com.br/>

2. Exposição Efêmeras



Efêmeras, 2022
MACC, Campinas/SP
Fotos Pedro Spagnol

Efêmeras é nosso terceiro projeto de exposição, depois de 7 anos em diálogo. Essa proposta começou a se desenhar em 2021, ainda durante o isolamento da pandemia, quando nos encontrávamos por vídeo chamada. Nossas reflexões e trabalhos amadureceram em diversos aspectos, conceituais, formais e até simbólicos, porém a conexão entre nós se manteve e se fortaleceu.

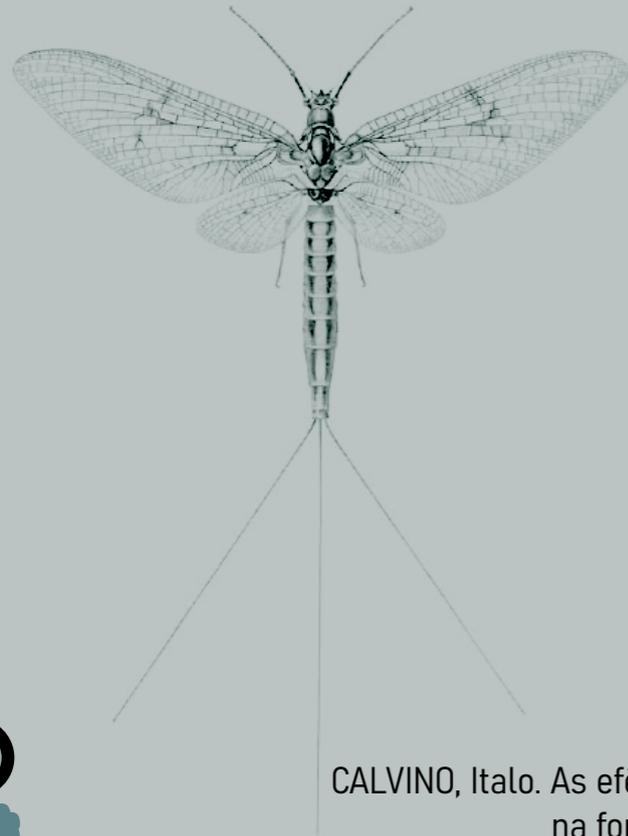
Em 2022 realizamos a exposição na cidade de Campinas, no Museu de Arte Contemporânea (MAC Campinas) e mais uma vez nos surpreendemos ao ver que as obras conversam entre si com a mesma eloquência que nós, as artistas, conversamos entre nós. Diante disso ficamos inspiradas a levá-la para mais cidades e a propor esse diálogo com mais pessoas, inclusive acrescentando no projeto alguns recursos de acesso e acessibilidade, tais como esse material e os recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual.

Novamente a poética abordada pelo grupo gira em torno de nossos olhares para a natureza no ambiente que nos cerca. Fragmentos de sementes, folhas, galhos, flores e insetos coletados são transformados, resultando em gravuras, instalações, livros e objetos. No entanto, para além dos elementos naturais que se apresentam em um primeiro olhar, num enfoque mais aprofundado é possível perceber nos trabalhos outros aspectos: ciclos de vida e morte, renovação e transmutação que refletem sobre nossa existência como parte da natureza, impermanente, mas sempre em fluxo.

Essas transformações são o principal assunto que abordamos em diversas técnicas, como monotipia, desenho, xilogravura e cologravura, frotagem, vídeo, impressões em cianotipia e manufatura do papel artesanal. Multiplicando fragmentos e imagens, intercalando as diferentes plasticidades para criar uma espécie de jardim poético onde as referências ao mundo natural também convidam o visitante a um olhar mais atento para a natureza que o circunda.

Antes de aprofundar nas questões específicas de cada artista na exposição queremos trazer aqui um texto que foi referência para nosso trabalho e, não por acaso deu nome a nossa exposição:

AS EFÊMERAS NA FORTALEZA



CALVINO, Italo. As efêmeras na fortaleza.

Um enxame de efêmeras se chocou voando contra uma fortaleza, depois pousou nos bastiões, tomou de assalto a torre mor, invadiu o caminho da ronda e os torreões. As nervuras das asas transparentes mantinham-se suspensas entre as muralhas de pedra. “É inútil tentarem equilibrar-se em suas membranas filiformes”, disse a fortaleza. “Só quem foi feito para durar pode aspirar a ser. Eu duro, logo existo, vocês não.”

“Nós habitamos o espaço do ar, escandimos o tempo com o bater das asas. O que mais quer dizer: ser?”, responderam as frágeis criaturas. “Já você é somente uma forma posta aí,

para assinalar os limites do espaço e do tempo em que existimos.”

“O tempo escorre sobre mim: eu permaneço”, insistia a fortaleza. “Vocês apenas afloram a superfície do devir como a pele da água dos riachos.”

E as efêmeras: “Nós saltamos no vazio assim como a escrita sobre a folha branca e as notas da flauta no silêncio. Sem nós não resta senão o vazio onipotente e onipresente, tão pesado que esmaga o mundo, vazio cujo poder aniquilador se reveste de fortalezas compactas, o vazio-cheio que só pode ser dissolvido por aquilo que é leve e rápido e sutil.



Leitura em áudio

Efêmeras são insetos que após saírem da fase larvária vivem apenas 1 dia, elas estão no mundo todo, exceto a Antártida e habitam nosso planeta há cerca de 300 milhões de anos.

Pensamos na leveza dessa existência que ao mesmo tempo que é tão fugaz, se renova, existe em seu próprio ciclo e assim permanece e existe muito antes e existirá muito tempo depois da fortaleza, ao contrário dela, por ser leve, rápido e sutil.

Na ocasião da exposição em Campinas, produzimos um vídeo em que cada artista conta um pouco de sua experiência e onde podemos ver imagens da exposição no MAC de Campinas.

<https://www.youtube.com/watch?v=wj1rNxQqWI>



3.

Relatos pessoais sobre processos criativos



Nesta sessão cada artista, individualmente, fala um pouco sobre suas obras, técnicas e processos:

Flávia Fábio

Habitar um jardim exige trabalho árduo e um pensamento estético que o idealiza e o molda, estabelecendo ciclos de cuidado contínuo: plantar, regar, controlar o crescimento, podar, atos corriqueiros da jardinagem que sugerem outras intenções, para além deste espaço.

O jardim de casa é um campo de imersão, uma possibilidade de reconexão com a natureza. Num caminho do macro para o microcosmo, seus detalhes foram ganhando maiores dimensões e as espécies vegetais ali presentes assumiram um protagonismo, passando a atuar não apenas como modelos para observação, mas emprestando suas formas, tornando-se coautoras no processo criativo.

Da manipulação dos fragmentos dessas plantas surgem matrizes de gravuras, monotipias, frotagens, relevos. Podas que seriam descartadas tem sua materialidade conservada em matrizes de cologravura, deixando marcas em papéis ou placas de argila, como espécies de fósseis forjados, inventados.

Nestes processos de impressão, este jardim é apreendido, dominado e transposto para outros lugares, criando novos ambientes, onde encontram-se sugestões, vestígios do jardim original, que configuram tentativas de preservar a memória vegetal deste lugar.

Na exposição efêmeras, apresento parte do que venho desenvolvendo nos últimos anos, revestindo as paredes do espaço expositivo com grandes frotagens dos muros de sua casa; com painéis compostos por impressões em papel ou em placas de cerâmica; com monotipias que exploram a delicadeza das nervuras das folhagens e a transparência do papel.

Veja nesse vídeo um pouco sobre esses processos:

<https://youtu.be/m7UFYBDjuQY>





Ligia Minami

A imersão no contato com a natureza e sua relação com a memória é uma constante em minha pesquisa. Na coleta e impressão de corpos vegetais, a busca por texturas, representadas na impressão por contato, traz um esforço de perenidade ao dar forma à impermanência percebida na contemplação desse entorno, repleto de folhas secas, fraturadas ou carcomidas.

Na mistura de técnicas gráficas como a monotipia e a xilogravura, e fotográficas, como a cianotipia, há uma espécie de recriação do universo natural experimentado.

A presença do substrato têxtil, estabelece o diálogo da textura do que é impresso com a trama dos tecidos – ásperos, macios, leves, pesados, opacos, translúcidos – permitindo que o contato da impressão se amplie para o contato com a pele, na confecção de bandeiras ou vestíveis, que pedem para ser tocados ou ocupados, numa apreciação tátil, somada à visual.

A impressão por contato é ferramenta que permite o encontro entre superfícies: o que toca e o que é tocado, o que deixa o seu rastro e a superfície que recebe essa imagem, como no encontro entre duas peles em diferentes tempos – a pele ausente que ali esteve e a pele impressa, carregada da memória do corpo que já não está mais lá, mas que persiste em imagem, é presente pela lembrança que sua impressão evoca.

São peles têxteis portadoras de memórias de lugares, eventos e pessoas, em impressões que podem soar como cicatrizes. Ao criar, tocar ou mesmo vestir essas peles têxteis marcadas por rastros, estabeleço relações com a memória dos diferentes tempos vivenciados. Usando as águas, o sol e os diferentes corpos coletados durante esses processos de impressão, a recorrência da memória das sensações experimentadas durante o fazer vem à tona – tecidos que carregam a textura e o cheiro de uma folha, o calor do toque do sol, a fluidez da água num mergulho.

Nestes trabalhos, a impressão se converte numa forma particular de tradução: materializar e tornar visível, o intangível e o invisível presente nessas lembranças, numa espécie de cultivo de jardins de memórias.

Apresento nesse vídeo alguns processos e reflexões sobre este trabalho:

<https://www.youtube.com/watch?v=MJYgYT2t2YA&t=62s>





Luciana Bertarelli

Em minha pesquisa recente, venho explorando diálogos entre as plantas e o corpo através de formas, padronagens e texturas. Costelas, galhos e folhas se sobrepõem e se confundem entre camadas de papéis, em uma mistura de diferentes técnicas, como a xilogravura, a monotipia, o desenho e os recortes e colagens.

Nas imagens, objetos e instalações que produzo, o papel é utilizado tanto como suporte, quanto como matéria. Papéis transparentes, translúcidos ou opacos imitam peles e ossos ou atuam como janelas, como um convite para uma observação atenta e silenciosa de informações que se encontram por dentro das camadas.

Através de movimentos repetitivos e meditativos como recortar, colar e imprimir, vou abrindo espaços, unindo fragmentos e deixando marcas nos meus trabalhos, criando metáforas visuais para vivências e sensações corporais de dores e traumas, força versus fragilidade, cicatrizes e processos de cura.

Veja um pouco sobre meu processo nesse vídeo:

<https://youtu.be/-2RsJAFjtrA>





Luciane Kunde

Encontro minha poética no próprio fazer, no qual matéria e processo são elementos importantes para a criação artística. Muitas vezes é desde o cultivo da planta que a relação com a matéria se inicia. Bananeira, coroa de abacaxi, amoreira, paineira, grama entre outras espécies, transformam-se em polpa celulósica e assim, em elemento de criação.

A polpa atende a inúmeras possibilidades plásticas: por meio dela posso alterar forma, cor, espessura, composição, textura, transparência, superfície. Fazer papel é um processo aberto, no qual cada artista inventa o seu modo de fazer; ainda que a essência da tradição seja mantida através dos tempos: é um saber ancestral e contemporâneo, aberto a inúmeras “transgressões”.

Nessa exposição trabalhei bastante com a técnica chamada pelos estadunidenses como pulp painting, ou seja, pintura com a polpa: nela a polpa é tingida e utilizada como material pictórico. Costumo dizer que minha tela é a água e a polpa é a tinta, parafraseando o artista e professor Laurence Barker, que diz que pintar com a polpa é espalhar os céus.

A água é elemento presente e abundante em todo processo de fazer papel. Nesse trabalho ela é também co-autora, pois responde ao movimento das mãos, imprimindo seu gesto na superfície, materializando o etéreo presente no azul, no céu, nas nuvens.

Nuvens que são transitórias como as efêmeras de Calvino: compostas essencialmente de vapor d’água, duram cerca de 10 minutos.

No vídeo abaixo falo um pouco da minha pesquisa com papel:

<https://youtu.be/uAVeByxNORw>





Simone Peixoto

Galhos, raízes, troncos e outros elementos naturais recolhidos na cidade, dialogando com desenhos, xilogravuras e monotipias em instalações que recriam a natureza de forma poética. Os fragmentos de plantas recolhidos ganham nova existência na condição de arte.

Pedaços de plantas e de gravuras são matérias de naturezas diferentes que se complementam num encontro entre apresentação e representação: objetos coletados e imagens criadas. Objetos que também são desenhos em potencial, linhas e massas de seus próprios corpos e de suas sombras, enquanto os desenhos, na sua busca de representar são também plantas, folhas, flores e raízes. Assim, apresentação e representação criam um jogo entre a contemplação e a ação, propondo entre os olhos e as mãos ao mesmo tempo reverenciar e ressignificar.

Uma metáfora da matéria em decomposição que é insumo para novas vidas. Assim como toda matéria que se desfaz, se decompõe e se reorganiza, na efemeridade de cada indivíduo está a perenidade do mundo.

Recolher e coletar vestígios, ruínas, fragmentos de uma vida passada é o início de uma ação que irá transformá-los e atribuir-lhes uma nova existência, sutil e muitas vezes também efêmera. Uma ação mínima que os transforma em outra matéria, se não física, de natureza poética.

Nesse vídeo mostro um pouco do processo e motivações para o meu trabalho:

<https://youtu.be/Oma3Td0SYyg>



4. Procedimentos Artísticos

Na exposição Efêmeras nós vemos muitos procedimentos e técnicas diferentes, alguns mais conhecidos e outros menos, por isso optamos por trazer para vocês uma breve explicação ou reflexão sobre eles. Mesmo naqueles mais simples e diretos, cada artista tem uma maneira particular de olhar e de abordar o trabalho. Assim, cada uma das artistas escolheu um dos procedimentos que usa em seus trabalhos nesta exposição para apresentar. Como todas as técnicas, não existe uma única forma de realizar, aqui trouxemos a nossa abordagem para cada uma das técnicas.





**Relevos botânicos em cerâmica,
por Flávia Fábio**



Ouçã a
audiodescrição

Flávia Fábio
Pseudofósseis, 2021/2022
Cerâmica

Na observação atenta das plantas, olhando-as de perto, percebemos estruturas e detalhes absolutamente singulares que podem ser capturados e transpostos para materiais e superfícies variadas. Ao prensar um fragmento de um planta sobre uma placa de argila é possível obter um registro muito fiel de seus relevos, desenhos e texturas. A maleabilidade da argila faz com que a planta se integre a ela, como podemos ver no trabalho Pseudofósseis, presente na exposição Efêmeras.

Neste trabalho, busquei registrar principalmente as plantas presentes no meu jardim, cultivadas, trazidas de outros jardins, presenteadas, coletadas, adquiridas, além daquelas que ali aparecem e insistem em crescer, fugindo do meu controle e ocupando seu espaço.

Optei por utilizar uma argila branca que, com a aplicação de corantes sobre as áreas marcadas pela planta, permite uma melhor visualização de seus detalhes.

A primeira etapa deste processo é sovar bem a massa para garantir que não haja bolhas de ar em seu interior. Depois, as placas são abertas sobre um tecido, com o uso de um rolo, apoiado sobre guias de madeira, com cerca de 1 cm de espessura, para que a placa fique uniforme.



As plantas selecionadas devem ser prensadas sobre a placa ainda úmida com a ajuda do rolo ou de uma espátula de silicone. É preciso cuidado com plantas com muito volume, pois relevos excessivamente profundos podem provocar trincas nas placas durante o processo de secagem.

A etapa da secagem deve ser bem lenta e controlada para que ocorra de maneira uniforme, evitando deformações ou rachaduras. A placa deve ficar apoiada sobre uma superfície reta, como uma chapa de madeira ou de gesso cartonado, parcialmente coberta por lona ou plástico e seu manuseio deve ser evitado.

Após a secagem, por cerca de uma semana, a peça passa pela primeira queima, a cerca de 800 °C, chamada de queima de biscoito. Após esta queima, a peça de argila, pode ser chamada de cerâmica e está pronta para receber a aplicação de corantes minerais e uma camada de esmalte transparente, própria para queimas de alta temperatura, pois ela deve voltar para o forno, para uma nova queima, chegando a cerca de 1220 °C.

Para este processo de queima, é necessário um forno próprio para cerâmica.

Caso a queima não seja possível, há a possibilidade da aplicação de uma camada de verniz acrílico e uso de aquarela para coloração. As peças não ficarão resistentes como a cerâmica, mas poderão ser conservadas e expostas de forma mais cuidadosa.



Nesse pequeno vídeo registrei a parte inicial desse processo em meu ateliê:

<https://www.instagram.com/reel/CikX3wUJbxn/?igsh=bDFwcGV2bXBuNXhu>





Ouçá a
audiodescrição

Série "Mata" (2021-2022)
Cianotipia solar com
fotogramas e negativos
em monotipia. Composição
química: sais de ferro e água
da chuva

Cianotipia, por Ligia Minami

Antes de falar sobre a cianotipia, gostaria de falar sobre a definição de fotografia a partir da própria palavra: FOTO [luz] + GRAFIA [escrita].

Em uma reflexão ampliada do que permite essa “escrita da luz”, é possível ir além do que imaginamos fotográfico, geralmente vinculado a imagens geradas por dispositivos como celulares e câmeras fotográficas. Partindo desse questionamento da definição do fotográfico, não seria nossa própria pele portadora da capacidade fotográfica? As marcas de maiôs ou nossos numerosos sinais sobre a pele – sardas e manchas –, não poderiam também ser consideradas imagens escritas pela luz? Ou a marca deixada por um vaso que foi deslocado de seu lugar no piso do quintal, não caberia também chamá-la fotográfica?

Gosto de pensar a cianotipia a partir dessa chave e da metáfora com essa pele fotossensível. Trata-se de um processo de impressão fotográfica por contato: o objeto ou negativo a ser fotografado precisa estar em contato direto com a superfície fotossensível, sobre essa pele que será marcada pelo objeto que estava aderido a ela quando da incidência solar. Mas, diferente de nossa pele, a superfície do material que receberá a impressão em cianotipia precisa ser preparada com químicos que a tornem fotossensível. Para tanto, é necessário pincelar a superfície com compostos à base de sais de ferro: o ferricianeto de potássio e o citrato férrico amoniacal*. Quando misturados e expostos à luz solar (radiação ultravioleta), esses compostos se precipitam, aderindo à superfície sobre a qual foram aplicados e, quando lavados, apresentando a característica cor azul/ciano do processo – e nas áreas em que não houve incidência de radiação ultravioleta, o químico sai junto à água durante a lavagem. Assim forma-se a imagem com variações de tons azuis, de acordo com a intensidade da incidência desse sol (radiação solar) sobre a superfície fotossensível.



Nessa reflexão sobre as possibilidades do contato e da fotossensibilidade dessa pele preparada com químicos, me agrada misturar outros processos que dependem do contato e que registram rastros dos objetos que estiveram envolvidos nesse contato, como monotipia e mesmo a xilogravura. Assim, a partir de coletas de espécimes vegetais de lugares que desejo tornar perenes na memória através da impressão, passo a fazer um tipo de reordenação do que coletei usando processos de impressão por contato de maneira híbrida. Produzo negativos com decalques de plantas (monotipia) e decalques de matrizes em xilogravura (representando as mesmas plantas) e, posteriormente, positivo esses negativos pela impressão em cianotipia, como num processo de fotomontagem usando monotipias, xilogravuras e mesmo as próprias plantas diretamente sobre a superfície fotossensível, numa forma de fazer fotografia conhecida como fotograma.



Passo a enxergar essas montagens híbridas, essa reorganização do lugar que experienciei, como a um cultivo de memórias, cuidadosamente escolhidas e ativadas pela visão e pelo toque nessas peles têxteis carregadas de rastros.

*fórmula básica: 40g ferricianeto de potássio em 400ml de água destilada + 100g citrato férrico amoniacal em 400ml de água destilada



Vídeo com processo de produção do trabalho Mata, em cianotipia solar
<https://youtu.be/pXr-hkWibKs>

Monotipia, por Luciana Bertarelli

A monotipia é uma técnica de gravura onde criamos uma imagem impressa (em papel, tecido ou outras superfícies), em cópia única. As monotipias podem ser construídas de diversas formas, como por exemplo:

- ☞ podemos criá-las riscando com lápis por trás de um papel, colocado por cima de uma placa de vidro cheia de tinta;
- ☞ podemos desenhar com tinta e pincel sobre um vidro e depois transferir esse desenho para um papel utilizando pressão;
- ☞ podemos imprimir diretamente os objetos com tinta, criando texturas (como as marcas de um pneu) ou registrando suas formas (como a impressão de uma pena de pássaro), entre tantas outras possibilidades.

Em alguns dos meus trabalhos utilizo a monotipia, especialmente essa técnica onde consigo imprimir diretamente os objetos sobre o papel. Sou uma colecionadora de folhas de plantas: saio por aí coletando diferentes espécies, observando suas formas, desenhos e texturas, e deixo essas plantas secarem prensadas entre as páginas do meu caderno de desenho.

Depois de secas e prensadas, utilizo as plantas em meus trabalhos, imprimindo-as sobre o papel, com a ajuda de tinta gráfica e de uma prensa de gravura. Em algumas das imagens que produzi é possível ver toda a textura das plantas; em outras, vemos apenas as suas silhuetas. Ainda que todas as impressões sejam diferentes entre si, algumas plantas se repetem aqui e ali nos trabalhos, pois gosto muito de explorar essa possibilidade de repetição, como se fosse um registro da passagem do tempo.



Luciana Bertarelli
“Desaguadouro”
Técnica mista, 2022



Ouçã a
audiodescrição



Luciane Kunde
Céus de Brasília
(pintura com polpa celulósica),
fibra de palha de milho, bituca
de cigarro, corante azul, 2023



Ouçã a
audiodescrição

Papel reciclado, por Luciane Kunde

Minhas primeiras experiências com papel artesanal foram feitas de maneira bem livre, intuitiva e com os recursos que eu tinha em casa. Vou relembrar um pouco dessa experiência com vocês, e abaixo disponibilizo um vídeo demonstrando algumas etapas desse processo.

A primeira coisa que eu precisava era papel para reciclar: comecei uma busca pelas gavetas do ateliê e encontrei exercícios de desenho, de pintura e outros tantos, que estavam lá parados, sem minha motivação (ou coragem) para jogá-los fora. Remexer naqueles papéis foi uma coisa bem legal: foi como se estivesse vendo um álbum de memórias, revivendo traços, tintas, tempos e gestos. E feliz em dar um destino mais nobre àqueles papéis.

Dessa gaveta consegui papel sulfite, papel canson e papel jornal. De outros lugares, juntei embalagens de ovos (rosa, azul, verde, amarela...tem muitas cores!), correspondências e embalagens.

Preparo do papel

Esse papel precisa ser batido no liquidificador, então é muito importante retirar todos os grampos e cliques, para não estragar o eletrodoméstico ou causar acidentes. Antes de ser batido, o papel tem que ser amolecido: para isso, é preciso rasgá-lo em pedaços pequenos e deixá-los de molho: ou por 3 dias em água ou fervido por cerca de 30 minutos. Assim que amolecidas as fibras, pode ser batido no liquidificador: sempre aos poucos, com muita água e pouco papel: coisa de 1 parte de papel para 10 partes de água. Batemos e peneiramos essa massa, ou polpa, que está pronta para ser usada.



Modelagem

Para modelar a folha de papel precisamos de uma forma semelhante a uma peneira: podemos usar uma peneira de cozinha, redonda, daquelas achatadas ou usar uma tela de serigrafia já pronta, uma moldura de porta retrato com tecido elástico costurado ao redor, ou mesmo um cabide com meia fina.

Precisamos de uma bacia onde caiba essa forma escolhida, e nos permita movimentá-la dentro da água, para frente e para trás e /ou para um lado e outro. Então colocamos água na bacia, de maneira que a tela, ao ser mergulhada, fique totalmente submersa. O próximo passo é colocar a polpa na bacia: é essa quantidade de polpa que define a gramatura do papel: quanto mais polpa, maior a gramatura.

Mergulhamos então a tela em um movimento vertical na bacia, para lá no fundo horizontalizá-la, trazendo-a à superfície. Em seguida deixamos escorrer a água em excesso, e viramos esse papel sobre uma superfície de tecido, jornal, entretela, TNT.

Secagem

A folha modelada pode ser seca pendurado-a no varal nessa mesma superfície de tecido ou papel, ou depositada em folhas de papel absorvente ou tecido, com um peso por cima. Dessa maneira a superfície absorvente deve ser trocada diariamente. Em cerca de 5 dias o papel estará seco e pronto para uso. No varal o resultado é mais rápido, mas pode envergar o papel.

Se o resultado final for um papel muito absorvente, pode-se fazer uma mistura de gelatina em pó sem sabor, incolor, e aplicar com pincel largo ou rolo sobre o papel.

No vídeo abaixo disponibilizo uma vídeo-aula de introdução ao papel artesanal, abordando as explicações acima e demonstrando algumas maneiras de criação com papel reciclado.



O vídeo abaixo apresenta uma vídeo-aula sobre papel reciclado, se quiser saber mais::

https://www.youtube.com/watch?v=ft4sBjUDh28&ab_channel=LucianeKunde



Simone Peixoto
Raiz III - Rio de baixo
Raiz e desenho a aquarela
Projeto mobiliário de Lucas
Vignoli, 2023



Ouçã a
audiodescrição

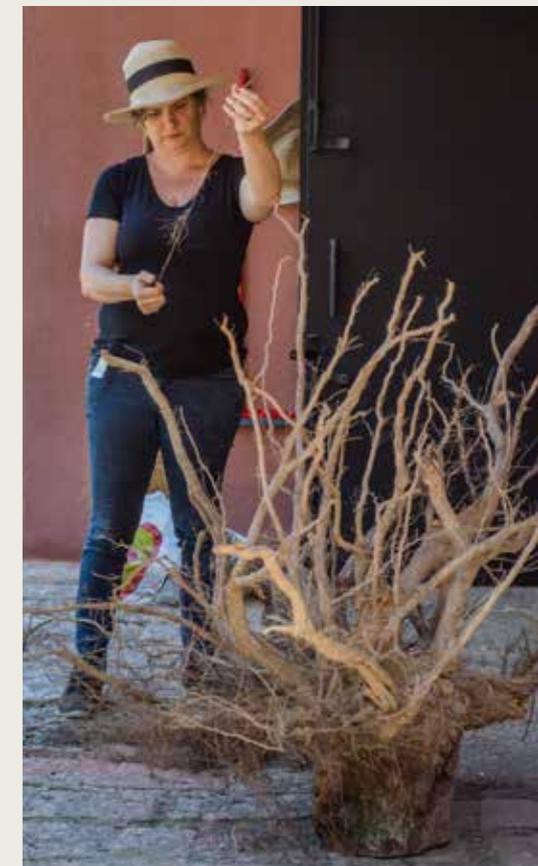
Coletas e desenho, por Simone Peixoto

Os lugares por onde eu passo, onde eu vivo, praças, jardins, casas de amigos, cidades que visitei fazem parte da minha história, tudo que nos cerca conta um pouco da nossa história.

Aqui não vou falar sobre uma técnica, mas sobre as coletas que faço e como as transformo, pois acredito que isso é bastante presente nos trabalhos que trago em 'Efêmeras'.

Quando recolhemos algum objeto é por que ele nos atrai de algum jeito, certo? Por ser algo muito bonito, ter algum significado especial, trazer ou guardar a lembrança de um momento. Por exemplo, uma flor, um brinquedo perdido da sua infância, uma conchinha da praia. Muitas vezes agrupamos e acabamos fazendo uma coleção, a semelhança da palavra não é coincidência. Eu mesma tenho várias coleções de coisas que encontrei, como pedras, folhas, insetos, brinquedos e até de cartas de baralho.

Esses objetos sempre foram especiais para mim, gosto de observá-los e desenhá-los, é comum eles aparecerem em alguns dos meus trabalhos como gravuras ou desenhos. Cada vez mais fui me interessando por esses elementos naturais, como folhas, galho e raízes, a coleção foi crescendo ao mesmo tempo que comecei a me interessar em buscar novas formas de desenhar, como se estivesse 'capturando' o desenho das coisas no lugar de observar e representar. Fui percebendo e me interessando pelo desenho que os próprios objetos trazem ou fazem no espaço, as nervuras e dobras das folhas, as linhas de diferentes espessuras dos galhos e raízes, suas sombras, seus rastros. É uma forma de captar a expressão dos próprios objetos e conversar com eles através dos meus desenhos.





E os vídeos abaixo são registros de parte do meu processo em obras da exposição “Efêmeras”

<https://www.instagram.com/reel/CiwBRBdMnzk/?igsh=MWtobDdtaWVlcG52eQ%3D%3D>

<https://www.instagram.com/reel/Cjto8jwLAf2/?igsh=MWdnMG04eHdlZDJoMQ%3D%3D>

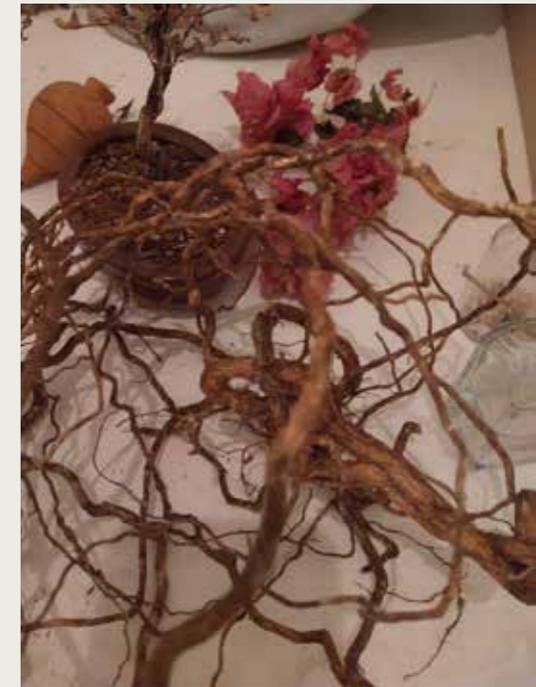
Uma maneira de fazer isso é usando da monotipia, no caso a impressão direta dos objetos, como a Luciana Bertarelli descreveu acima, copiar o desenho exato de suas sombras e claro, usando os próprios objetos nas obras.

Quando um artista usa algo que já tem um significado próprio em uma de suas obras, isso é chamado de **apropriação**. A diferença entre usar um elemento e se apropriar dele é a forma como ele é usado, por exemplo, uma pedra que foi esculpida se transforma em outro objeto, a pedra é o material daquela escultura, a folha de papel desenhada se transforma em desenho, ela é o suporte daquela obra. Galhos e troncos, se os transformarmos em uma figura humana, por exemplo, são o material de que ela foi feita.

Mas se aqueles galhos, troncos e raízes foram apenas coletados e apresentados ali, sem transformação, sendo eles mesmos, isso é uma apropriação desse objeto. O significado dele pode mudar de acordo com o que foi feito dele, se foi feita alguma ação com ele ou a partir desse objeto, se tem algum outro objeto ou imagem se relacionando com ele, em que posição está, se tem alguma interferência, ou seja, qual é o contexto ao redor dele, mas ele está ali para representar (ou apresentar) exatamente o que ele é, digamos, é uma raiz.

Podemos fazer isso com todo tipo de coisas, fotografias, embalagens, obras de outros artistas, objetos naturais ou industrializados, até coisas perecíveis, que nesse caso podem sofrer com a ação do tempo e isso também fará parte da obra.

Que significados o uso de diferentes objetos pode trazer? Como desenhá-los ou representá-los com o mínimo de interferência? E qual a diferença de um desenho ou pintura de observação? A forma como cada um se apropria pode ser tão diferente como são as formas de cada um desenhar. E você, de que gostaria de se apropriar?



Observações: Os artistas também podem se apropriar de obras de outros artistas, por exemplo se eu faço uma pintura de uma sala e nessa sala está representada uma pintura de Anita Malfatti, isso também é apropriação

Se você quiser se aprofundar mais nesse assunto, esse link te leva para o verbete sobre apropriação da enciclopédia do Itaú Cultural, além da definição ele traz várias referências de artistas.

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3182/apropriacao>

5. Relatos de atividades e propostas formativas

As 5 artistas desta exposição somos também educadoras, mais que isso, acreditamos que o acesso a arte a cultura é parte fundamental do projeto de educação em qualquer instância. É por isso que, sempre que possível, acrescentamos aos projetos artísticos que apresentamos estratégias educativas, considerando o acesso e a mediação como a melhor forma de levar este trabalho para um número cada vez maior e mais diverso de pessoas.

Aproveito aqui para recomendar a todas as pessoas, inclusive as videntes, que ouçam a áudio descrição criada por Gabriela Gianetti para 5 obras da exposição. Este é um recurso de acessibilidade para pessoas com deficiência visual, porém ao conhecer esse método e durante este processo e nossa colaboração com a Gabriela para a realização desse material, aprendemos que qualquer um pode se beneficiar de ouvir essa sensível descrição/interpretação da obra. É interessante ouvir na exposição, mas também está disponível aqui se quiser conferir antes ou depois da visita.

Bem, nessa seção algumas de nós faremos então relatos de atividades que já desenvolvemos em outras ocasiões relacionada às questões trazidas por nossas obras. Ficam aqui como curiosidades, dicas e um convite para que vocês também experimentem da forma como acharem melhor essas experiências.



Grupo de alunos do Ensino Médio em visita acompanhada por uma das artistas.



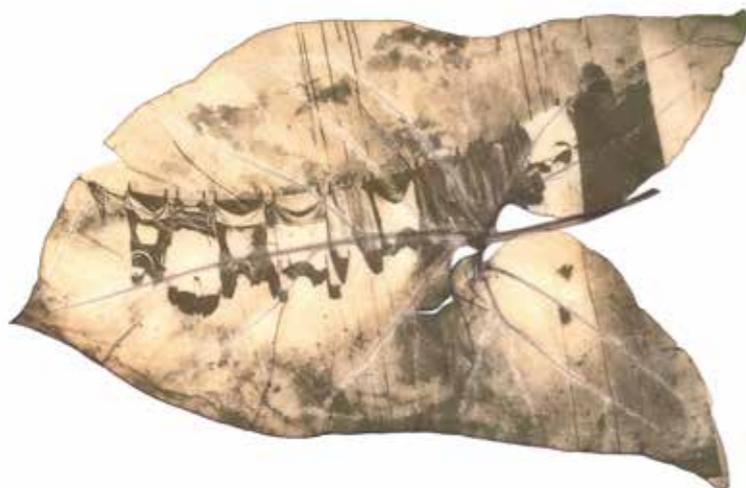
Atividades utilizando a impressão fotográfica por contato, por Lígia Minami

Considerar o fator inclusivo nas atividades em localidades sem grandes estruturas ou investimentos materiais sempre foi uma questão norteadora no momento em que o trabalho artístico se desdobra na troca de experiências pelo fazer. A fluência no desenvolvimento das etapas, aliada à percepção empírica do ocorrido nos processos também têm sido um fator importante na proposição dessas atividades.

A impressão por contato em cianotipia, nesse sentido, têm sido gratificante pela flexibilidade permitida: as propostas podem envolver desde aprendizados sobre iluminação durante tomadas fotográficas digitais para posterior impressão por contato dos negativos digitais (imagens com os tons invertidos impressas em papéis translúcidos), até a mistura de desenhos em superfícies translúcidas misturados a fotogramas de objetos planos coletados no entorno (objetos de escritório, do jardim ou da casa). Podemos usar o sol como co-autor das impressões quando há esta possibilidade, mas podemos construir e utilizar câmeras de ultravioleta para simularem essa radiação com lâmpadas de led ou fluorescentes.

Mas o mínimo sempre provoca: e quando não há acesso aos químicos para esse tipo de processo?

Voltando novamente para o entorno natural e para o contato com a pele fotossensível, é possível pensar na fotografia que acontece utilizando as folhas não mais como objeto a ser representado, mas como suporte fotossensível para imagens fotográficas. Se posicionarmos sobre uma folha um desenho ou palavra feito com marcador permanente sobre um plástico transparente ou qualquer objeto plano – colocarmos ambos prensados sob um vidro e expusermos durante algum tempo ao sol, o resultado será muito similar ao que ocorre com nossa própria pele.





As folhas reagem à radiação solar: onde há incidência de sol, a folha desbota, e onde a superfície está protegida, a folha se mantém verde. As variações acontecem de acordo com os tipos de folhas: espécimes menos cerosas e mais novas reagem melhor do que as folhas mais antigas da planta. Folhas aquáticas como aguapés reagem em algumas horas. Folhas de hortaliças como couve-manteiga, podem levar alguns dias, a depender da intensidade da radiação recebida.

Esse processo de impressão por contato na própria folha é conhecido como Fitotipia. São impressões vivas, que não guardam a perenidade e nem a estabilidade das imagens conseguidas em impressões que envolvem químicos fotossensíveis como sais de prata ou de ferro, mas têm o encanto de ser o substrato fornecido “in natura” pelo próprio entorno, fazendo aguçar a sensibilidade para o que temos ao nosso alcance e o que pode haver de poético na efemeridade das imagens produzidas.



Além das fitotipias que acompanham esse texto, realizadas pela fotógrafa e artista visual Dani Sandrini, trazemos um artigo com a pesquisa da artista visual Patrícia Pölzl utilizando a fitotipia, além da experiência com o processo conduzida no Marajó pelo coletivo Cururuar.

https://issuu.com/luahfazedoradecoisas/docs/3_n_revista_lorca

<https://cururuarblog.wordpress.com/processos/>

Fotos Dani Sandrini
www.danisandrini.com.br
www.instagram.com/terraterrenoterritorio/



Impressão de plantas com tinta natural em tecido com Luciana Bertarelli e Ana Takenaka, por Luciana Bertarelli

Na primeira edição da exposição EFÊMERAS, realizada no Macc - Museu de Arte Contemporânea de Campinas em 2022, convidei a artista e educadora Ana Takenaka para fazer uma atividade conjunta para o público da exposição.

A preparação

No dia em que a Ana veio visitar a nossa exposição, passamos antes no meu ateliê, e mostrei para ela uma caixa com 5 tipos diferentes de argila que eu tinha encontrado pela rua, em tons de amarelo, rosa, laranja, marrom e cinza. Depois de passar pelo museu e ver nossos trabalhos, a Ana demonstrou o desejo de trabalhar com plantas, e deu a ideia de prepararmos tintas naturais, usando as argilas que eu tinha encontrado.

Pensamos então em fazer uma atividade inspirada nos meus procedimentos artísticos, que envolvem coletar plantas, passar tinta nas plantas e imprimi-las sobre uma superfície.

Preparamos previamente a argila, secando-a ao sol, macerando-a em grãos finos e passando-a pela peneira, para retirar as pedrinhas.

O MacC tem um bellissimo jardim no seu entorno, então decidimos que, além de levar para a atividade algumas plantas das nossas próprias casas, sairíamos com o público pelo jardim em busca de mais plantas.

A atividade seria feita dentro do museu e no meio da exposição, e optamos por usar uma faixa de tecido como suporte para as impressões, por ser mais resistente e também porque queríamos deixá-la exposta no local por alguns dias após a atividade.





A atividade

Colocamos o tecido no chão e os materiais para preparar as tintas em uma mesa de apoio ao lado. O público chegou para a atividade aos poucos e fizemos uma roda sentados em volta da mesa, para uma conversa inicial. Conversamos um pouco sobre a exposição, observamos o nosso entorno, e explicamos o que seria feito e qual a sequência das ações: coleta de plantas, preparação das tintas, impressão em tecido.

Saímos para andar pelos arredores do museu munidos de tesouras e cestas para carregar as coletas e voltamos carregados de plantas, as mais diversas.

Preparamos as tintas juntos, ali no meio da exposição, usando as argilas peneiradas, água e cola branca; eu e Ana mostramos como era possível misturar as argilas para criar novos tons a partir das cores que já tínhamos. Passamos as tintas nas plantas utilizando pincéis e esponjas de cozinha.

Junto com o público, fomos descobrindo quais plantas davam impressões mais nítidas e quais eram muito volumosas e mais difíceis de imprimir. Usamos a pressão das mãos para transferir a tinta das plantas para o tecido. Trocamos informações entre nós e fizemos composições individualmente e em conjunto. Não impusemos nenhuma regra para a composição, mas ao fim, chegamos em uma espécie de estampa, que se espalhou pelo tecido de forma harmoniosa e bem regular.

Terminamos a atividade decidindo coletivamente o momento em que o tecido estava pronto, e também seguindo o ritmo do público, formado por crianças e adultos. Tiramos o tecido do chão para olhar para o trabalho final, e encerramos agradecendo a presença de todos.



Compartilhar tesouros e desenhar as sombras com Simone Peixoto e Camillat, por Simone Peixoto

Quando um artista fala sobre seu trabalho a um público é difícil saber por onde começar, onde colocar o foco da conversa, qual é o principal assunto. Seriam as ideias iniciais? As práticas de ateliê? Aquilo que aprendemos com o trabalho depois que ele já estava pronto? Cada conversa é diferente da outra e a verdade é que quase sempre essa é uma escolha daquilo que parece mais interessante para a artista naquele momento. Quase sempre a última descoberta.

Durante a exposição “Efêmeras” em 2023 tivemos a oportunidade de convidar alguém para uma ação educativa no espaço da exposição. Sempre que posso vou para a prática, acredito que a melhor forma de se falar de arte em volta de uma mesa de ateliê.

A artista Camillat estava trabalhando conosco como produtora e o ateliê dela é um dos espaços mais instigantes que já conheci. Uma colecionadora de objetos e elementos naturais, alguns ficam guardados, outros em processo: de crescimento quando são plantas vivas; de decomposição; de transformação. Convidei a Camillat para mostrar uma parte de sua coleção e nos contar como ela fazia parte de seu processo de criação, quando objetos inspiram obras e quando eles se tornam parte da obra. Fiz o mesmo e naquela mesa nossos ‘tesouros’ se misturaram momentaneamente.

Depois dessa conversa onde todas as pessoas participaram e nos contaram sobre suas próprias coleções ou outras práticas relacionadas, disponibilizei materiais com os quais eu trabalho, aquarela, lápis, pincéis, penas de desenho, papéis de diferentes densidades e transparências, tecidos e projetores de luz, convidei a turma a experimentar com aquilo que nossos olhos escolheram e nossas mãos tantas vezes já tocaram. Como se sairiam nossos objetos combinados? O que cada um vê nos objetos escolhidos e na prática do outro?



A prática de desenhar com sombras se mostrou para mim um exercício muito fértil, desde a escolha do objeto (ou objetos) que projeta a sombra, as dimensões essa, aproximar ou afastar, fazendo a imagem ficar maior ou menor e mais nítida, combinar elementos, girar, posicionar o papel. A composição é também uma forma de desenhar, tudo isso faz parte desse processo e cada uma das escolhas pode ser testada, observada e reordenada.

É possível também explorar objetos opacos e translúcidos, como por exemplo um copo de vidro, um objeto de plástico semi transparente, cada um deles vai ter um efeito diferente, objetos transparente e coloridos (como o papel celofane) produzem uma 'sombra colorida', ou seja, as possibilidades são muitas!

Além de resultados super interessantes a proposta abre também possibilidades de trabalhos colaborativos. E aqui uma dica valiosa, a lanterna dos celulares é uma ótima fonte de luz focal, que faz uma sombra super definida.

Faça um teste agora com qualquer objeto que você tenha aí.

A convite da Profa Dra Luise Weiss, docente do curso de Artes Visuais da Unicamp, ministrei uma aula em sua disciplina de desenho. Seguem alguns registros:



6. Perguntas e questões disparadoras para quem visita a exposição

Além dos relatos de propostas e experiências, preparamos também algumas perguntas ou assuntos disparadores para você refletir ou propor em grupos durante a visita à exposição.

Em primeiro lugar gostaria de pedir que leia novamente o texto de Ítalo Calvino que está na parede da exposição. Ele também está neste material, clique aqui

Se preferir também pode ouvir o áudio que preparamos como recurso de acessibilidade

A partir do texto reflita sobre as seguintes perguntas:

- ☞ Assim como os insetos (as efêmeras), quais outras coisas perecíveis/perecíveis você consegue ver na exposição?
- ☞ O que pode durar tanto tempo quanto uma fortaleza de pedra?

E agora pensando sobre o que vimos na exposição reflita:

Você se considera uma pessoa observadora das coisas e do ambiente ao seu redor? Por quê, que coisas você costuma perceber ou não perceber?

- ☞ A natureza, as plantas e animais fazem parte da sua rotina? De que forma a natureza faz parte da sua vida e das pessoas próximas a você?
- ☞ Você tem alguma coleção? O que você faz com ela? gosta de observá-la, desenhar, mostrar para colegas? O que te atrai nesses objetos?
- ☞ Você acha que tem alguma coleção, ou parte de uma coleção na exposição?
- ☞ Se você não pudesse usar nenhum tipo de câmera fotográfica, como você registraria uma paisagem?
- ☞ Que tipo de registro você já encontrou sobre os seus antepassados?
- ☞ Que tipo de registro você pode fazer para transmitir uma mensagem para o futuro?
- ☞ Que tipos de marcas você pode deixar no mundo com o seu corpo? Quanto tempo você acha que elas vão durar?

CALVINO, Ítalo. As efêmeras na fortaleza.
Leitura em áudio



7. Biografias das artistas

Flávia Fábio

Sou artista visual e educadora. Nasci em Limeira/SP e vivo em Campinas desde o início da década de 1990. Minha pesquisa poética está centrada na relação com a paisagem do meu entorno, explorando a cerâmica e as técnicas híbridas da gravura, tendo a corporeidade das plantas como matéria essencial para sua produção. Atualmente estou finalizando um Doutorado em Poéticas Visuais, sou Mestre em Multimeios e graduada em Artes Visuais pela Unicamp, atuo como docente no ensino médio e superior, em cursos de Artes Visuais e na Especialização em Design Gráfico da Unicamp, além de desenvolver projetos na área de design gráfico.

Dentre as exposições que participei destaco: **Efêmeras** (Mac Campinas, Campinas/SP, 2022); **Habitar o Ar** (Casa de Eva, Campinas/SP, 2021); **Memórias inventadas de um jardim** (GAIA - Galeria do Instituto de Artes/Unicamp - Campinas/SP, 2021); **Memória, lugar y paisaje: una lectura gráfica** (Universidad de Antioquia - UdeA, Medellín/Colômbia, 2019); **Jardim** (ATIAL + 609, Campinas-SP, 2018 e CCUFSJ - São João del-Rei/MG, 2018); **Conjunções: artista/professor** (Galeria Faal - Limeira, SP, 2018); **Artista | Professor | Propositor** (Museu Major José Levy - Limeira/SP, 2015; MAC - Americana/SP, 2015; CCUFSJ - São João del-Rei/MG, 2017).

Instagram: <https://www.instagram.com/flaviafabio5?igsh=YzljYTk1ODg3Zg==>

Lígia Minami

Sou educadora, artista visual e fotógrafa. Nasci, moro e trabalho em São Paulo-SP. Atualmente estou cursando o doutorado em Poéticas Visuais pela Unicamp, sou mestre em Artes Visuais pela Unicamp (2018) e graduada em Fotografia pelo Centro Universitário Senac (2012). Minha pesquisa abordo as questões do

tempo e seu entrelaçamento com a memória, com ênfase no uso da fotografia, processos gráficos como monotipia e xilogravura mesclados a processos de impressão fotográfica artesanais (cianotipia, goma bicromatada) – destacando sua interação com tecnologias digitais em processos criativos contemporâneos. Atuo como freelancer nas áreas de fotografia e design gráfico (ligiaminami.format.com) e, desde 2019, como educadora no Espaço de Tecnologia e Artes do SESC.

Em 2023, fiz parte da residência CON/CRIT/TEC - Conscientizações Críticas Tecnológicas organizada pelo Center for Arts, Design and Social Research, na Casa do Povo. Dentre as exposições que participei, destacam-se: **Efêmeras | coletiva** (Museu de Arte Contemporânea de Campinas, Campinas-SP, 2022), **Habitar o Ar | coletiva** (Casa de Eva, Campinas-SP, 2021), **Jardim | coletiva** (CCSJDR, São João Del Rey-MG, 2018 | ATAL|609, Campinas-SP, 2018); **ITINERÂNCIAS - A memória entre a materialidade e a virtualidade fotográfica | individual** (Galeria de Arte do Instituto de Artes da Unicamp - GAIA Campinas-SP, 2018); **Ficções: A fotografia além do real - Foto em Pauta | coletiva | Festival de Fotografia de Tiradentes** (Centro Cultural Yves Alves, Tiradentes - MG, 2017), entre outras.

Luciana Bertarelli

Sou artista visual e educadora. Nasci em São Paulo-SP e hoje vivo e trabalho em Campinas-SP. Sou Mestre em Artes Visuais pela Unicamp (2017), e cursei também Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais na mesma universidade (2008). Sou idealizadora e integrante do Projeto Xilomóvel - Ateliê Itinerante desde sua concepção em 2009, onde desenvolvo projetos artísticos e educacionais em parceria com os artistas Marcio Elias e Simone Peixoto. Em 2018, participei da residência artística da Association Arkane, no Marrocos. Entre as principais exposições que

participei, destacam-se a individual **Folhagem: Xilogravuras da Série Jardim** (Atelier Piratininga - São Paulo/SP, 2018) e as coletivas: **Ar: Acervo Rotativo**, com curadoria de Laerte Ramos (Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo/SP, 2021), **Hida-Takayama International Contemporary Woodblock-Prints Triennale** (Hida-Takayama, Takayama, Japão, 2020); **Xilo - Corpo e Paisagem**, com curadoria de Claudio Mubarrac (SESC Guarulhos/SP, 2019 e Sesc Pinheiros/SP, 2020), entre outras.

Site: <https://lubertarelli.wixsite.com/lucianabertarelli>

Instagram: <https://www.instagram.com/lubertarelli/>

Luciane Kunde

Sou artista visual e educadora. Nasci em Joinville, SC, trabalho em Campinas e resido atualmente em Rio Claro. Participei de exposições como 'Livros multiformes (Galeria do Instituto de Artes -Unicamp, 2022), 'Efêmeras' (PROAC, Campinas 2021), 'Habitar o Ar' (Campinas 2021), 'Água, polpa e matéria' (individual online, Galeria do Instituto de Artes -Unicamp, 2021), 'Memória, lugar y paisaje. Una lectura gráfica' (Colômbia 2019), 'Página Viva!' (Casa das Rosas, São Paulo, SP, 2016). Sou mestre em Artes Visuais (Unicamp, 2023) e pesquiso o papel artesanal como próprio recurso expressivo, enxergando processo e matéria como elementos da criação artística. Desenvolvo projetos artísticos autorais e ministra oficinas livres de papel artesanal. Atualmente sou professora da OPA (Oficina de papel artesanal) que acontece no Instituto de Artes, na Unicamp. Sou membro da IAPMA, associação mundial de artistas pesquisadores em papel.

Portfólio Instagram: <https://www.instagram.com/lukundeartista/>

Instagram pessoal: <https://www.instagram.com/lukundeborges/>

Instagram OPA: https://www.instagram.com/opa_oficinadepapelartesanal/

Simone Peixoto

Em meu trabalho, a xilogravura, monotipia, o desenho e a imagem impressa dialogam com uma investigação sobre o desenho e a representação, valendo-se de sobreposições de imagens, de procedimentos e de objetos. Para mim a possibilidade de reprodução da imagem na gravura não é usada para gerar cópias, mas para explorar desdobramentos e novas possibilidades e suportes para uma mesma imagem.

Fiz minha graduação em Artes Visuais pela Unicamp e também mestrado e doutorado em Artes Visuais na mesma universidade, sempre com a orientação de Luise Weiss. Sou artista visual e educadora e atuo no projeto Xilomóvel –Ateliê Itinerante desde 2010. Entre meus principais trabalhos e exposições estão: Exposição Efêmeras (Mac Campinas, Campinas/SP, 2022), Exposição individual "Menos do Mesmo" (Adro Galeria, São João del Rei, MG, 2022), Exposição "Habitar o Ar" (Campinas 2021), Residência Artística "Art Farm Project" (Amparo SP, 2019), Xilo- Corpo e Paisagem (SESC Guarulhos e SESC Pinheiros, 2018 e 2019) Jardim (Centro Cultural UFSJ - São João del Rei/MG, 2018), Largofolhas - Xilogravuras para a Cidade (Estação Cultura de Campinas/SP, ProAC 2018); Exposição "Artista- Professor- Propositor" (Centro Cultural da UFSJ- São João Del Rei-MG-2017) ;Exposição "Página Viva" (Casa das Rosas, São Paulo SP-2016); "Livro Livre sobre Livros" Edital de Livros de artista - Proac (2015);

8. Lista de links relacionados a exposição

Sementes Gráficas

Site da plataforma Sementes Gráficas - grupo de pesquisa e estudos formado pelas 5 artistas da exposição.

<https://www.sementesgraficas.com.br/>

Instagram Sementes Gráficas

<https://www.instagram.com/sementes.graficas/>

Youtube Sementes Gráficas

<https://www.youtube.com/channel/UCX52ljxvu5b6iQpzztjpDg>

Este vídeo é uma live realizada em 21/07/2022 a convite da Printa Feira um evento de gráficas e publicações independentes realizado no Sesc 24 de maio. Nesta live Flávia Fábio e Luciana Bertarelli fazem a impressão de uma cologravura ao vivo, técnica de gravura realizada pela Flávia Fábio em algumas das obras da exposição.

https://www.youtube.com/watch?v=_PLX_9XVHhs

Exposição Efêmeras

Catálogo virtual da Exposição Efêmeras

<https://indd.adobe.com/view/cafc451c-b310-4b7c-97e8-fca88c552f04>

Este vídeo é uma live realizada em 13/02/2023, foi uma conversa entre as artistas como encerramento do projeto em que a exposição foi apresentada em Campinas

<https://www.youtube.com/watch?v=m9B46-sfNmw>

Vídeo produzido durante a exposição realizada em Campinas sobre o grupo e alguns dos trabalhos apresentados

<https://www.youtube.com/watch?v=wj1lrNxQwI>

Vídeos produzidos pelas artistas para as redes sociais durante o processo de criação das obras da exposição Efêmeras:

Pulp painting, Papel reciclado - Luciane Kunde

<https://www.instagram.com/reel/CickVylDSui/?igsh=cDdjG4wZGF3NjE3>

Papel artesanal (batendo a fibra da bananeira) - Luciane Kunde

<https://www.instagram.com/reel/CiBjfN3D758/?igsh=ZWc3NHVjcjVvbmRz>

Preparando uma placa cerâmica com impressão de plantas - Flávia Fábio

<https://www.instagram.com/reel/CikX3wUJbxn/?igsh=bDFwcGV2bXBuNXhu>

Cologravura- Flávia Fábio

<https://www.instagram.com/reel/CjllOCHDRVI/?igsh=MXVzYm0ydGQybHdwag==>

Cianotipia- Lígia Minami

<https://www.instagram.com/reel/Cifjq88jC5n/?igsh=MTYxcDN3bXJpZDlpNQ==>

Xilogravura - Luciana Bertarelli (início do vídeo no minuto 0:38)

<https://www.youtube.com/watch?v=R3Zv007Kqgg&list=PL8me1OeuS9Ypq7XEXEMfcRYsf-8gk23EY&index=7>

Coletando uma Raiz de Araucária encontrada caída em uma praça (Essa raiz é parte da obra “Raiz-Ninho 1”)

<https://www.instagram.com/reel/Cjto8jwLAf2/?igsh=MWdnMG04eHdlZDJoMQ==>

Desenhando sombras na parede (estudo para instalação na exposição)

<https://www.instagram.com/reel/CiwBRBdMnzk/?igsh=MWtobDdtaWVlcG52eQ==>

As artistas

Nos vídeos seguintes cada uma das artistas fala um pouco sobre seu processo criativo e a relação entre suas práticas artísticas e suas inspirações e assuntos das obras

Flávia Fábio

<https://youtu.be/m7UFYBDjuQY>

Lígia Minami

<https://www.youtube.com/watch?v=MJYgYT2t2YA&t=62s>

Luciana Bertarelli

https://www.youtube.com/watch?v=XgHU_54_vlo

Luciane Kunde

<https://youtu.be/uAVeByxNORw>

Simone Peixoto

<https://youtu.be/Oma3Td0SYyg>